

APRESENTAÇÃO

Por um olhar e um fazer mais interdisciplinares: o que nos demanda a contemporaneidade

Ev'Angela Batista R. de Barros¹

O Instituto de Ciências Humanas da PUC Minas traz a público, com alegria, mais uma edição da sua revista eletrônica, em que se agregam instigantes artigos de distintas áreas do conhecimento humano. Marcada pela pluralidade e pela interdisciplinaridade, a **Revista do ICH** aborda temas atuais, que entendemos relevantes à formação pessoal, no âmbito das humanidades – eixo agregador dos cursos integrantes do ICH –, e no âmbito profissional, concorrendo para o aprimoramento dos que se dedicam ao ensino, à pesquisa e à extensão - seja no âmbito da História, das Línguas e suas respectivas Literaturas, da Geografia, da Pedagogia, da Comunicação Assistiva, seja de áreas afins.

Atualmente, muitos são as mudanças – de cunho social, político, econômico, científico –, o que gera instabilidades em nossas crenças e representações, em nossas perspectivas pessoais e profissionais, enfim, nas lentes com que enxergamos e significamos a realidade circundante. Assim, a **Revista do Instituto de Ciências Humanas** reflete esse momento de transitoriedades e deslocamentos, de crise e de esperança, não fugindo aos inúmeros desafios, impostos tanto por essas e outras demandas sociais (que lhe cobram oferecer formação cidadã, baseada na criticidade e produção de conhecimentos) quanto pelas metas institucionais (da qualidade, sustentabilidade e inovação, como pressupostos do ensino, da pesquisa e da extensão); somos atores num momento de ampliação do nosso olhar “universitário”, convencional, a um mais “pluriversitário”, inter ou transdisciplinar.

Como afirmam Santos e Hammerschmidt (2012), por trás de todo conhecimento “há sempre um paradigma determinando a promoção / seleção dos conceitos-mestres da inteligibilidade e as operações lógicas mestras” (p.3). Isso equivale a dizer que cada momento sócio-histórico e cultural nos apresenta modelos, crenças e representações que direcionam, inconscientemente, nosso modo de conhecer, de pensar, de (inter) agir.

¹ Professora do Departamento de Letras da PUC Minas. Professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Letras; Coordenadora Adjunta do CESPUC. Editora da Revista do ICH.

Dessa forma, são fortes os impactos do cenário atual, de crises em diferentes dimensões, na constituição das subjetividades (na percepção da própria identidade, com todas as nuances que se operam e se alteram ao longo da vida), das concepções de cidadania e, inapelavelmente, também do papel que se atribui às instituições sociais – à escola, à família, à igreja, à universidade, etc. Evidentemente, mudando-se as bases de produção cultural, econômica, social, mudam as formas de lidar com a realidade.

Todos esses aspectos têm desdobramentos diretos no papel que se atribui aos professores, na cobrança em torno de sua formação, na gama de conhecimentos e atitudes e procedimentos e posicionamentos que lhe são imputados como matriz irradiadora. Trata-se de um novo paradigma – ostensivamente reivindicado, pautado em mais amplas inter-relações e interconexões – no qual somos impelidos a nos inserir.

O renomado sociólogo Boaventura Santos (2008), ao discutir a série de transformações por que vem passando nossa sociedade, ocidental e capitalista, contemporaneamente, face à globalização avassaladora, à consolidação de processos de trabalho e de comunicação fortemente calcados numa tecnologia efervescente e obsolescente, focaliza as consequências desse cenário nas expectativas em torno da universidade². Para ele, a universidade, tão almejada como instituição promotora do saber, da cidadania e da democratização social, nos últimos vinte anos, tem sido *locus* de grandes alterações no modo de (re)construção de saberes e identidades, de comportamentos, crenças e representações. Instituinte da / instituída pela realidade social, a universidade se vê compelida a

transformações na produção do conhecimento, com a transição, em curso, do conhecimento universitário convencional para o conhecimento pluriversitário, transdisciplinar, contextualizado, interativo, produzido, distribuído e consumido com base nas novas tecnologias de comunicação e informação que alteraram as relações entre conhecimento e informação, por um lado, e formação e cidadania, por outro.” (2008, p.12)

Como pondera o autor, o momento é de se passar de um olhar “universitário”, convencional, a um mais plural, inter ou transdisciplinar, que acolha a multiculturalidade e a diversidade inerentes ao Humano. Urge sairmos da compartimentação do saber e do disciplinamento dos conhecimentos de forma estanque e passarmos a uma visão mais integradora e compreensiva das interfaces e multifaces que a realidade cotidianamente nos impõe ao olhar. Um grande problema, porém, é que

² Boaventura fala, em especial, da universidade pública; aqui, estendo suas considerações à instituição “universidade” como um todo, seja a pública, a particular, a comunitária.

a maioria de nós, professores, não foi formada desta maneira, baseada na visão de “complexidade” defendida por pensadores importantes, como Edgar Morin (entenda-se, aqui, “complexo” no sentido atribuído por esse autor, de “teia”, algo tecido junto).

Para Morin, um pensamento simplificador, que desconsidere as teias inter-relacionadas do real, escamoteia as complexidades sem dar conta do desafio da inteligibilidade desse mesmo real:

Não se trata de retomar a ambição do pensamento simples que é a de controlar e dominar o real. Trata-se de exercer um pensamento capaz de lidar com o real, de com ele dialogar e negociar. Vai ser necessário desfazer duas ilusões que desviam as mentes do problema do pensamento complexo. A primeira é acreditar que a complexidade conduz à eliminação da simplicidade. A complexidade surge, é verdade, lá onde o pensamento simplificador falha, mas ela integra em si tudo o que põe ordem, clareza, distinção, precisão no conhecimento. Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e finalmente ofuscantes de uma simplificação que se considera reflexo do que há de real na realidade. A segunda ilusão é confundir complexidade e completude. É verdade, a ambição do pensamento complexo é dar conta das articulações entre os campos disciplinares que são desmembrados pelo pensamento disjuntivo (um dos principais aspectos do pensamento simplificador); este isola o que separa, e oculta tudo o que religa, interage, interfere. Neste sentido o pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional. Mas ele sabe desde o começo que o conhecimento completo é impossível: um dos axiomas da complexidade é a impossibilidade, mesmo em teoria, de uma onisciência. (MORIN, 2005, p.5-6)

E ele vai além, indagando (a si e a nós) se haveria / haverá “complexidades diferentes umas das outras e se elas podem ser unificadas num complexo dos complexos” (2008, p.6). Dessa forma, sua reflexão instaura em nós a crença de que a integração – como tão bem pontua Pascal (apud Morin, 2008), para quem todas as coisas são “causadas e causantes, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas, e que todas (se interligam) por um laço natural e insensível que liga as mais afastadas e as mais diferentes” – é a melhor abordagem, embora traga já, em seu nascedouro, a marca da incompletude e da incerteza.

Situando-nos nessa ótica abrangente, de que todos os fenômenos mantêm uma relação de interdependência, de interatividade e de (inter)retroatividade, posto que estamos inseridos em uma realidade eivada de incertezas, imprevisibilidades, acasos, contradições, ou seja, numa realidade sociopolítica, econômica e culturalmente *complexa*, somos convidados a sair de um modelo disciplinar aristotelicamente organizado e alçar o olhar à multimodalidade, ao diálogo intercultural, à diversidade – de temas, de aportes teóricos, de gêneros, de instrumentais metodológicos.

Romper com paradigmas excludentes é desafio de grande monta, porque nos demanda aprimorar nossas lentes e ampliar nossa visada, para que sejamos capazes de apreciar os inúmeros meios e modos de, em diferentes áreas do conhecimento, fazer ciência e socializar esse percurso – evidenciar o rigor, a diversidade e mesmo a beleza dos construtos obtidos –, sem supervalorizar ou subdimensionar nossa própria prática.

Rendendo-nos à riqueza (e também aos desafios) da heterogeneidade, a **Revista do Instituto de Ciências Humanas** constitui-se num espaço privilegiado de vazão reflexiva das inúmeras ações, interações, retroações que pautam o fazer docente e o fazer discente, o fazer artístico-cultural, mas também o científico-tecnológico, enfim, o fazer humano, em todas as suas dimensões – articulando temas, abordagens e escopos, trazemos um volume que se pauta na diversidade temática e metodológica. O que une de forma orgânica os textos constitutivos desta edição é exatamente o que têm de diferente, díspar, porém pode ser assimilado sob o olhar da interdisciplinaridade. Tentar estabelecer um único sentido para os textos (ou mesmo para a ordem em que estão organizados) seria simplificar o real. Dessa forma, que a leitura constitua um desafio ao leitor; que a fruição de cada um advenha do interesse pela pesquisa que subsume, pelo trabalho de pesquisa realizado e explicitado, pelos desafios enfrentados e apenas implícitos, enfim, pelo fato de que cada texto é único, irrepitível, como cada ato de enunciação.

Para Larrosa, grande educador espanhol contemporâneo, não pensamos com pensamentos, mas com palavras – e, de forma poética, ele afirma:

E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso. Todo mundo sabe que Aristóteles definiu o homem como *zôon lógon échon*. A tradução desta expressão, porém, é muito mais “vidente dotado de palavra” do que “animal dotado de razão” ou “animal racional”. Se há uma tradução que realmente trai, no pior sentido da palavra, é justamente essa de traduzir logos por *ratio*. E a transformação de *zôon*, vidente, em animal. O homem é um vidente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vidente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. (LARROSA, 2002, p.21)

Convidamos a cada leitor, portanto, que percorra os textos desta edição, de diferentes gêneros e matizes, que informam e formam, simultaneamente; que dialogue com os autores, por meio das palavras por eles urdidas em tramas, com eles

concordando ou não; enfim, que dê vida aos diversos discursos e contradiscursos aqui emulados.

No primeiro artigo, “Análise de fluxos econômicos em Minas Gerais no século XVIII”, Danielle Correa, Wellington Molinary, Priscila Barbosa, Lourival Reis, Jéssica Braga, geógrafos em formação, sob orientação do professor José Flávio Castro apresentam instigante pesquisa sobre a dinâmica espacial e o mapeamento dos fluxos econômicos na rede urbana da capitania de Minas Gerais no século XVIII. História e geografia, com seus instrumentos de análise em interface – a importância dos estudos sobre redes geográficas, aliada aos estudos da cartografia histórica –, contribuem para desvendamento da geografia histórica do estado. O grupo analisou as redes urbana e viária a partir da hierarquia e da forma de cada uma delas, com “aplicação das técnicas de geoprocessamento e da semiologia gráfica na análise da cartografia histórica”. Foi-lhes possível relacionar aspectos (como a produção do ouro e o desenvolvimento dos centros urbanos e surgimento de regiões mais densamente povoadas e economicamente ativas) que fizeram de Minas Gerais a capitania mais populosa e mais rentável para a Coroa portuguesa. Avaliam, ainda, que fatores conjunturais levaram ao deslocamento de atividades para outras localidades mineiras, na sequência.

Na sequência, com “O contemplar de um Rio das Araras Grandes: Araçuaí e sua Cultura”, Bárbara Souza Santos apresenta especificidades histórico-culturais e econômicas de uma cidade mineira, Araçuaí (Vale do Jequitinhonha), marcada pelo baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e pelo descaso de políticas públicas, porém marcada por forte movimento de resistência cultural a partir dos anos 1970. Polo de manifestações que se irradiam para o norte-mineiro, segundo a autora, a região cognominada "Vale da Miséria" vem realizando práticas importantes de resgate de sua identidade identitário - os cânticos de trabalho herdados de pai para filho e valorizados por grupos de canto, têm se mostrado fator de coesão popular, independentemente das adversidades.

Com o artigo "Textos literários: sua leitura em voz alta com expressividade", Flávia Krug traz à discussão a temática do ensino de literatura. Partindo do pressuposto de que esta disciplina escolar visa a "desenvolver o gosto literário entre crianças, jovens e adultos", argumenta que não se pode ignorar a necessidade social de propiciar práticas leitoras diferenciadas, que englobem distintas competências. Krug discute, então, o letramento literário, em especial o valor da modalidade de leitura realizada em voz alta, a qual contribui decisivamente para aproximar o leitor do universo das palavras que

sugerem sentidos, desde que providos materiais de leitura qualificados, dando margem ao desenvolvimento da sensibilidade, à ampliação da visão de mundo, por meio da “apreensão de uma leitura plurissignificativa”, promovidos por meio do engajamento do leitor nesta prática dialógica e lúdica.

No quarto artigo, “Valorações dos projetos discursivos e formas de recepção de leitura dos gêneros notícia e horóscopo”, Ev'Angela Barros, baseando-se no aporte teórico da Análise Dialógica do Discurso (ADD) e do Interacionismo sociodiscursivo (ISD), busca desvelar estratégias concretas adotadas pelos indivíduos para a constituição dos seus discursos, necessariamente imersos em uma rede de relações com (inter)discursos precedentes. Por meio da discussão de pesquisa empírica, analisaram-se especificamente os projetos (socio)discursivos dos gêneros notícia e horóscopo. Por meio de corpus constituído por teste aplicado a 113 graduandos da PUC Minas (cursos de Administração, Ciências Contábeis e Letras), buscou responder as questões relativas ao modo como o leitor “experencia” e apreende – e valora – as enunciações materializadas sob essas duas distintas molduras textuais. Os resultados obtidos (e discutidos) lançam luzes sobre um modo particular de produzir sentido, a partir da materialidade linguística dos gêneros, relacionando-a com as condições em que estes foram engendrados, e, desta forma, contribui para uma compreensão mais ampla das práticas de linguagem.

No quinto artigo, Elizete Antunes Gemin, ao discutir “A educação do Humanismo até a Revolução Francesa”, faz uma contextualização histórica dessa fase da educação e intelectualização europeia, problematizando o fato de que “toda a efervescência cultural não veio a sistematizar o conhecimento, nem tampouco, a educação de qualidade e igualitária foi levada aos homens com condições financeiras desfavoráveis”. Dito de outra forma, o cerne da desigualdade se vê respaldado por formas de pensar e representar a realidade em que somente a aristocracia alcançou o refinamento e a erudição, sem que os preceitos da cidadania fossem sequer cogitados. Com base em extensa pesquisa, Gemin contrapõe um ideal de sociedade ao conturbado período da Revolução Francesa, contexto histórico que faz emergir uma educação pública, laica e obrigatória, cujo objetivo principal seria “a reformulação do homem, coeso com o Estado e a sociedade”. Revisitando obras e autores relevantes sobre a temática, Elizete Gemin destaca o grande valor dado ao lema: liberdade, igualdade e fraternidade usadas na época, entretanto na realidade, o lema, não foi adotado na totalidade.

Com seu “Caderno de Entrevistas”, a jornalista e revisora de textos Maria Goretti Paiva brinda-nos com um trabalho instigante de atualização de diversas e importantes vozes da área de estudos da linguagem, especialmente focando dimensões cruciais ao fazer do profissional do texto – o revisor, o preparador, o editor de textos. Ela inova ao “entrevistar”, numa espécie de roda de conversa, renomados escritores e linguistas (brasileiros e estrangeiros), e, ao final, chama para essa interlocução, diversos professores / revisores de textos com que esteve em contato durante seu curso de Especialização lato sensu em Revisão de Textos, pelo IEC PUC Minas. Sem dúvida, um trabalho para ser lido e discutido não só por aqueles que formam bacharéis em Letras, mas também por alunos da pós-graduação e revisores já em exercício.

Neste volume, portanto, perfilam-se contribuições das diversas áreas que se congregam no âmbito do ICH, com seus respectivos instrumentais de análise e abordagem de recortes da realidade. Que seja proveitosa a leitura e profícuo o diálogo com os textos!

Referências

LARROSA BONDIA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Trad. João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução Eliane Lisboa. 5 ed. Porto Alegre: Editora Meridional/Sulina, 2005.

SANTOS, Silvana Sidney Costa; HAMMERSCHMIDT, Karina Silveira de Almeida. A complexidade e a religação de saberes interdisciplinares: contribuição do pensamento de Edgar Morin. In: **REBEEn** - Revista Brasileira de Enfermagem, 2012, 65(4), pp.561-565.